

**Vitaliano Rotellini e a defesa da imigração italiana no Brasil:  
*O Almanacco do Fanfulla***

**Teresa Maria Malatian**

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Franca, São Paulo

 <https://orcid.org/0000-0002-3401-6372>

E-mail: [tmalatian@uol.com.br](mailto:tmalatian@uol.com.br)

**Resumo:** Este artigo propõe traçar um percurso biográfico do jornalista italiano Vitaliano Rotellini, fundador e diretor-proprietário do jornal *Fanfulla* de 1893 a 1910. A imprensa italiana em São Paulo correspondeu em número de títulos, tiragem e recepção à presença significativa de imigrantes italianos e constituiu um veículo de manutenção da chamada italianidade. Neste percurso será abordada a proximidade inicial de Rotellini em relação ao anarquismo, para afinal definir-se e manter seu periódico como um jornal colonial situacionista, ou seja, defensor dos interesses dos imigrantes afinado com o posicionamento político liberal hegemônico entre os cafeicultores. Destaca-se nesta análise o *Almanacco Il Brasile e gli italiani* editado pelo jornal em 1906, que marcou decisivamente o compromisso do diretor e do periódico com o Partido Republicano Paulista e sua política imigracionista. A abordagem contempla também algumas trocas culturais entre a imprensa italiana e o *Fanfulla*.

**Palavras-chave:** Políticas migratórias; História da imprensa; Imigração italiana; Relações Brasil-Itália; *Fanfulla*.

**Vitaliano Rotellini and the defense of the Italian immigration in Brazil: *The Fanfulla's Almanacco***

355

**Abstract:** This article aims to draw a biographical route of the Italian journalist Vitaliano Rotellini, founder and director-owner of the newspaper *Fanfulla* between 1893 and 1910. The Italian press in São Paulo corresponded in number of titles, drawing and reception to the significant presence of Italian immigrants and created a vehicle for maintenance of the so called italianidade. On this way it will be approached the Rotellini initial proximity to the anarchism, abandoned for a self-definition and a direction for his periodic as a political dominant stream colonial newspaper, it means, defender of the immigrants concerns, close to the liberal position, hegemonic between the coffee planters. On this analysis is emphasized the *Almanacco Il Brasile e gli italiani* edited by the journal in 1906, a work for propaganda to little studied, which marked decisively the director and the newspaper commitment to the Paulista Republican Party and its migratory policy. The approach also includes some cultural exchanges between the Italian press and *Fanfulla*.

**Keywords:** Migratory policies; History of the press; Italian immigration; Relations between Brazil and Italy; *Fanfulla*.

**Texto recebido em: 20/01/2021**

**Texto aprovado em: 18/05/2021**

O ano era 1891. Pressionado pela repressão aos anarquistas e socialistas na Itália, Vitaliano Rotellini deixou a cidade de Roma e navegou em direção ao Brasil, onde iniciou carreira na imprensa que atuou como porta-voz de imigrantes compatriotas. Trazia na bagagem de seus 26 anos de idade a experiência como colaborador do jornal anarquista *Primo Maggio* e de *Il Socialista - Tribuna degli anarchici* em Roma, em 1885 (FELICI, 1994; GONÇALVES, 2019, p. 35).

Qual era sua situação na Itália? Segundo o jornalista Luigi Vincenzo Giovanetti, que se tornaria seu parceiro no jornal *Fanfulla*, a ação de Rotellini na política teria sido de pouca relevância, atuara apenas como tipógrafo em Roma, cidade onde nasceu. Anarquista militante, mais de palavras do que de ação: “anarchia parolaia esaltata dal buono vino del Castelli, di cui Rotellini era soprattutto amico”, manifestava-se por discursos em lugar de atos violentos, o que não impediu tornar-se alvo da polícia. Teria sido processado, condenado e afinal aconselhado a sair do país, para evitar problemas (CONSOLMAGNO, 1993, p. 8). A reunião de poucos dados esparsos em outras fontes permite a construção de mais alguns traços de sua biografia a partir da atuação na imprensa e nos relatórios policiais em que foi indiciado no Brasil. Informações mais detalhadas provêm de Franco Cenni que entusiasticamente o descreveu como o “papa” dos jornalistas italianos no país:

Figura característica e personalidade transbordante, alto e atlético, trajando sempre de preto, fizesse frio ou calor, com uma pequena barba a enquadrar uma cabeça de imperador romano, os olhos fulgurantes e voz profunda. Rotellini era uma fonte perene de ideias, que nasciam entre generosos copos de Frascati nas cantinas ou nas confeitarias da moda e que se transformavam em outras tantas iniciativas (CENNI, 1975, p. 279-280).

Na época em que militou na Itália, nos anos finais do século XIX, anarquistas e socialistas ocupavam a cena política com destaque, atuando em movimentos de contestação à ordem que pipocavam na cidade e no campo, e resultaram até em ocupação de terras não cultivadas. O governo de Crispi, sem contemporização, reprimia esse ativismo por meio de leis e prisões de militantes. Muitos deles então se exilaram e vieram para o Brasil, como foi o caso de Rotellini. Essas medidas tomadas para modificar o campo político não só na Itália, mas também em outros países da Europa, foram executadas com a participação das forças policiais e autoridades consulares dos dois lados do Atlântico.

Os suspeitos de adesão e/ou ações anarquistas que vieram para o Brasil estiveram envolvidos na política e esperavam continuar atuando por meio da imprensa em meio propício dado o número de compatriotas aqui residentes. Entre 1870 e 1920 entraram no país cerca de 1,4 milhão de italianos, que correspondem a 42% do total da entrada de imigrantes. Segundo Cláudia Leal, que estudou os documentos da polícia em São Paulo (DEOPS) é até mesmo possível que muitos desses deslocados tivessem sua viagem facilitada pelo governo italiano com o intuito de livrar-se de sua presença na

península. Passaportes e passagens de navio em categoria de não imigrante teriam sido providenciados com essa intenção (LEAL, 2006, p. 8-10).

Aqui esses exilados/imigrantes continuaram a desenvolver militância sobretudo por meio da imprensa italiana, visando sensibilizar os compatriotas em defesa de seus ideais (HECKER, 1998, p. 8). Tanto que o cônsul italiano em São Paulo, Edoardo Compans de Brichentau, que desempenhou papel relevante nessa dinâmica repressora, manifestou-se diversas vezes sobre o tema em relatórios enviados à polícia do Estado, nos quais se mostrou preocupado com o afluxo de militantes anarquistas ao país. Os diálogos assim estabelecidos incluíram relatórios ao Ministero degli Affari Esteri, na Itália, em ação articulada. Vigilância, prisões, apreensão de jornais tornaram-se práticas policiais correntes também no Brasil nesses anos finais do século XIX.

Pode-se, no entanto, afirmar que o engajamento de Rotellini com o anarquismo aos poucos se esvaziou no Brasil, não obstante mantivesse contato com jornalistas e periódicos anarquistas e socialistas e por vezes tivesse atuado em sua defesa diante da perseguição policial. Logo ao chegar ao Rio de Janeiro, fundou o efêmero jornal *L'Aquila Italiana*, em 1892, de periodicidade semanal, que existiu de quatro de junho desse ano até provavelmente 1893. Editou na mesma cidade o boletim comercial de distribuição gratuita, *L'Avvisatore*, igualmente efêmero. As empresas foram malsucedidas, motivo suficiente para o jornalista mudar-se para a cidade de São Paulo, onde se inseriu em sociabilidades jornalísticas e passou a trabalhar na redação do *Il Messaggero*, jornal de orientação socialista fundado havia pouco, mais precisamente em 25/05/1891 (TRENTO, 2003, p. 171). Esse jornal foi dirigido por Domenico Rangoni e Alcibiade Bertolotti e sua linha editorial contemplava a defesa dos interesses dos imigrantes italianos no Brasil. Contou com a colaboração do destacado jornalista Mario Cattaruzza e nele Rotellini atuou por pouco tempo. Esse jornal foi propriedade da Companhia Editrice Ítalo-Paulista, constituída por Domenico Rangoni e tinha por objetivos difundir a cultura italiana além de promover o intercâmbio cultural entre a Itália e o Brasil, divulgando obras literárias e guias para os imigrantes. Inicialmente de orientação socialista, tornou-se liberal com a gestão de Mario Cattaruzza. Durante a direção seguinte, de Carlo Fabricatore, Rotellini integrou o grupo de seus redatores e o jornal, num crescendo, passou de bi semanário a diário, em 1892, para pouco tempo depois encerrar suas atividades em 1894 (CENNI, 1975, p. 278-279).

Após essa curta fase de inserção em jornais efêmeros de orientação socialista, Rotellini deu um salto e tornou-se um empreendedor: fundou seu próprio jornal, o *Fanfulla*, em 1893. Segundo Belli, que foi consultado por Consolmagno, em sua pesquisa relevante sobre o jornal, e era responsável pela seção humorística do novo jornal, participaram da sua fundação Mario Cattaruzza, Luigi Schirone (socialista de Trieste), Torquato Sacchi (advogado originário de Buenos Aires), Alessandro Sfrappini (engenheiro), Porto Alegre (caricaturista), Enrico Bordoni e o próprio Belli. Este último é autor de *Gionalismo italiano in Brasile*, obra rara, que constitui uma das mais importantes fontes para os analistas desse período da imprensa italiana no Brasil e especialmente do *Fanfulla*

(BELLI, 1923). Esses escritores que vinham militando na imprensa italiana no Brasil tinham como hábito participar de reuniões na cantina de Palmiro Franchi, na rua Boa Vista, no Bexiga, bairro de grande concentração de italianos na cidade de São Paulo (BELLI, 1923. *Apud*. CONSOLMAGNO, 1998, p. 9). Segundo Cenni, o primeiro encontro entre os integrantes do grupo teria ocorrido na residência de Rotellini, que liderava a iniciativa de fundação do jornal. Era uma casa na rua 25 de março, situada na zona central da cidade, onde acabou fixando-se a redação do periódico nos anos seguintes (BAILY, 1978; CENNI, 1975, p. 280).

Foram então atribuídas por Rotellini aos integrantes do grupo as tarefas a serem desempenhadas: Mario Cattaruzza faria os artigos de fundo; Sfrappini publicaria poesias, Belli (Nasonelli), as sátiras focalizando a colônia italiana local. A crítica literária seria feita por Sacchi, as sátiras caberiam também a Porto Alegre e a Rotellini, a função de diretor-proprietário, auxiliado na administração por Enrico Bordoni. O jornal era impresso com a máquina Alauzet, logo substituída por uma rotativa Marinoni, em 1896, quando sua redação foi mudada para da rua 25 de março para a rua de São Bento, onde se localizavam as redações de vários jornais. Alguns anos depois, mais precisamente em 1904, foi adquirida uma rotativa Albert Frankenthal, e logo quatro máquinas de linotipo em 1905, antecipando-se assim à grande imprensa do Estado. Estimulado pelo sucesso editorial, Rotellini arrojadamente punha em prática iniciativas de caráter empresarial, propiciando assim ao seu *Fanfulla* maior rapidez na composição de suas páginas sempre enriquecidas com ilustrações.

A orientação inicialmente escolhida para o periódico foi a humorística, seguindo o sugestivo nome adotado. A escolha do título replicava prática comum no jornalismo em italiano no Brasil, pois já existira um homônimo na Itália, também de diretriz cômica. A veia humorística seria pouco tempo depois abandonada e já no número 17, de 17/09/1898, o tabloide ocupava-se de assuntos “sérios” em suas quatro páginas. O frade soldado Fanfulla di Lodi que abria seu frontispício veio para ficar, embora sua conotação satírica tenha se esvaído em pouco tempo, e permanecesse subjacente à figura quixotesca que lhe dava nome.



Fonte: *Almanacco del Fanfulla*, 1905.

### FIGURA 1

#### **Ilustração da capa do *Fanfulla* em 1905, com a imagem do Fanfulla di Lodi, portando a espada e o copo de vinho**

Alguns dias após a primeira reunião dos fundadores, em 17 junho 1893, o jornal entrava em circulação na cidade de São Paulo, em um contexto de dificuldade de obtenção de papel para a impressão, a famosa “carta” reclamada com veemência por Rotellini à equipe. Obstáculos, como a escassez de capital de giro, foram superados de modo que o jornal passou logo de semanal à tiragem de duas vezes por semana, logo três vezes por semana (setembro desse ano) e depois diário em 1894. A estratégia comercial para manter-se viável para além da aquisição pelos leitores incluía a venda de muitos espaços para propaganda e campanhas para conquistar e manter assinantes, a exemplo da ameaça de denúncia dos inadimplentes, expediente mobilizador por tratar os caloteiros como aproveitadores do trabalho honesto alheio. Logo se tornou um “*giornale politico, quotidiano, popolare*” e se no início foi apenas mais um dos jornais publicados aos domingos em língua italiana que circulavam pelo Estado de São Paulo<sup>1</sup>, logo conquistaria muitos leitores e anunciantes e se tornaria o mais difundido não apenas no território paulista, mas também em outras regiões do país onde a imigração italiana era expressiva. Tornou-se defensor da coletividade de imigrantes italianos e

do ideário liberal na ordem política republicana, atuando como um elo entre os “concidadãos” aqui residentes e a Itália, no contexto da grande imigração. Órgão de transferências culturais e de intelectuais mediadores<sup>2</sup> entre Itália e Brasil, graças ao uso do telégrafo, ultrapassou logo as fronteiras do território paulista para alcançar circulação nacional pois os leitores estavam disseminados pelos diversos Estados, em especial os do sul do país. Noticiário nacional e internacional de amplo e variado leque de temas possibilitou sua recepção ampla, pois adotou a estratégia de não veicular matérias polêmicas que pudessem dividir o público leitor, exceto aquelas relativas à imigração.

Além dos temas específicos referentes à colônia italiana aqui radicada, não se esquecia de informar e tomar partido sobre a política brasileira, como ocorreu com a Revolta da Armada a que se somou a Revolução Federalista, que marcaram o contexto em que o jornal foi gestado. Atuava junto aos conacionais como formador de opinião sobre esses eventos, chamando e estampando a autoridade do cônsul da Itália em São Paulo, como referência constante e autorizada.

Já se apresentava então para os imigrantes italianos aqui estabelecidos, especialmente os residentes nas cidades e que tinham mais acesso ao noticiário, o seguinte dilema: deveriam envolver-se na política brasileira? Essa polêmica ocupou os números iniciais do *Fanfulla* com interpelação direta dirigida ao cônsul da Itália em São Paulo, Notari, o primeiro com quem teve dificuldades, que no contexto da revolta da Armada (1893-1894) exortava em manifesto seus compatriotas a não se imiscuírem na política do país se pretendessem manter-se sob a proteção consular. Contestando frontalmente a recomendação, o jornal passou a citar como exemplo a atuação de Giuseppe Garibaldi, “herói dos dois mundos e cavaleiro da humanidade” do século XIX e muitas vezes lembrado ao longo da existência do jornal, por seu caminho glorioso da Lagoa dos Patos e do Uruguai até a Itália onde atuou no processo de unificação. Seria ele um exemplo de italiano que fez política em um país que não era o seu. Resguardava-se porém o jornal de aconselhar os compatriotas a pegar em armas por qualquer dos lados beligerantes por não se tratarem esses conflitos de ameaça ao princípio da nacionalidade, de um país ou da liberdade de um povo, mas tão somente de “pirataria de um homem [almirante Custódio de Melo] contra o poder sufragado pelos votos da nação” (LA REVOLUZIONE, 1893). O posicionamento exaltado do jornal trazia subjacente a animosidade contra o elemento restaurador monarquista da revolta, resquício do pendor anarquista de seu diretor que foi devidamente expurgado do texto, sem equívoco posicionado em defesa da ordem republicana e da legalidade.

Não impedia que afirmasse com independência de opinião o direito de participação política dos estrangeiros residentes no país, como indício de “civildade avançada” pois o homem civilizado deveria estar pronto para agir. Mas a causa dos revoltosos não foi abraçada pelo jornal, embora publicasse notícias seguidas sobre o movimento, as ações armadas e a repercussão sobre a população do Rio de Janeiro. Mesmo afinado com a defesa da legalidade, o *Fanfulla* insistiu em confrontar a autoridade consular que ameaçava retirar o apoio da tutela aos que de alguma forma participassem da “luta dos partidos”. O jornal posicionou-se sobre essa importante questão afirmando ser ilegal e

absurdo o procedimento do cônsul ao ameaçar compatriotas. Mesmo descartado o estímulo para que os imigrantes se fizessem soldados, protestou contra a posição da autoridade italiana por considerá-la contrária “ao direito positivo pátrio, ao direito natural e à ideia liberal da nossa civilidade” (LA REVOLUZIONE, 1893). A posição do jornal em relação à revolta da Armada, que denominava *Revoluzione*, foi sempre situacionista, contrária a Custódio de Melo, um dos seus comandantes, que considerou “homem sem princípios e sem ideais”. Toda essa polêmica teve como precedente o fato de a nave italiana *Dogali* ter ficado presa entre os dois fogos dos beligerantes, incidente silenciado de início pela imprensa, obviamente sob censura durante a revolta.

Abandonada a adesão juvenil de seu fundador ao anarquismo, o *Fanfulla* aparecia nesses primeiros anos de sua existência com baixos teores de socialismo, tendendo mais para o campo liberal, mais adequado à conquista ampla de leitores e palatável ao contexto republicano recém implantado com a queda da monarquia no Brasil, porém mantendo noticiário frequente sobre movimentos anarquistas e socialistas na Itália. É o caso da publicação do romance em forma de folhetim intitulado *La vendetta del nichilisti*, de Arturo Colautti, além de noticiário policial. Abrigou em seu quadro de redatores os socialistas Luigi Schirone e Alceste de Ambrys. Schirone havia militado no jornal *La Giustizia*, fundado em São Paulo ainda no período da escravidão, em 1879, em defesa dos imigrantes. Quanto a Alceste de Ambrys, vinculado ao movimento operário, em 1906 passaria juntamente com Carlo Quartironi, a correspondente do *Fanfulla* em Roma. Desse posto de observação, participou da elaboração da obra *Il Brasile e gli italiani*, de que se tratará adiante.

Inevitavelmente a defesa da imigração subsidiada pelo governo acabaria por colidir com a postura do deputado Silva Vergueiro, defensor da imigração espontânea para o Estado de São Paulo, como meio de “evitar a despesa de dinheiro público para a introdução de anarquistas, bandidos, perturbadores do trabalho e agitadores da ordem pública”, disse o jornal (BUM, 1893). Não impedia que notícias esparsas sobre os operários na Europa, em especial confrontos entre italianos e franceses, pontilhassem sem cores políticas fortes as páginas do cotidiano desde 1894.

Na campanha presidencial de 1893, o *Fanfulla* tomou decisivamente o partido da candidatura civil do paulista Prudente de Moraes, considerado liberal e dotado de espírito patriótico. Ele e seu vice, Manoel Vitorino, foram apresentados aos leitores como “candidatos da vontade consciente do povo”, adequados à orientação da defesa da ordem liberal feita pelo periódico, ao passo que choveram críticas ao governo do marechal Floriano Peixoto, a esta altura acusado de violência durante a revolta. A partir desse episódio o jornal manteve o apoio à oligarquia paulista vinculada à cafeicultura, que se tornou hegemônica no governo federal.

No tocante à imigração, em 1894 o jornal mantinha campanha contra as más condições de higiene e saúde nos navios que transportavam imigrantes para o Brasil, fazendo jus assim ao seu subtítulo de *Giornale politico quotidiano popolare*, que passara a ostentar perante seus leitores, isto é, a “colônia italiana”, que alcançava além do Brasil, os imigrantes radicados na Argentina e no Uruguai.

Em posição claramente protecionista discutia também o tipo de imigração de que o Brasil necessitava, concluindo ser a agrícola, a profissão “que cabe” ao país, dadas as grandes extensões de terra virgem, não cultivada, à espera dos imigrantes. Com isso contribuía para alimentar a expectativa de que estes conseguiriam alcançar seu sonho de aqui se tornarem proprietários de terra. Nesse sentido, colocou em pauta a atuação da Sociedade Promotora da Imigração fundada em 1886 por Martinho Prado Jr., Nicolau de Souza Queiroz e Rafael de Barros para promover a entrada de imigrantes em São Paulo mediante contratos com as companhias de navegação que os recrutavam por meio de seus agentes e os transportavam em terceira classe. Embora apoiasse essa atuação, o *Fanfulla* insistiu na denúncia dos contratos enganosos ou de difícil cumprimento, além do “transporte desumano” dos imigrantes nos navios, à custa do dinheiro público.

Logo após os primeiros números, começaram a circular no *Fanfulla* os anúncios de propaganda comercial escritos em português, indício da ampliação de seus leitores e financiadores para além desse universo “colonial” de recém-chegados. Eram computadas zelosamente as associações de italianos existentes no interior e na capital do Estado, fossem de socorro mútuo, beneficentes, musicais, recreativas ou de outra natureza, de modo que suas páginas permitem traçar um mapa da expansão da vida associativa no final do século XIX, que correspondia à crescente presença de italianos nas atividades urbanas.

Foi nesse ano de 1894 que ocorreu um grave incidente de que participou Rotellini. Após uma reunião em abril, na sede do Centro Socialista Internacional em São Paulo, o cônsul Brichtentau, notório por sua campanha contra os militantes de esquerda, endereçou denúncia às autoridades policiais com a finalidade de “se livrar, de forma mais geral, dos indivíduos considerados ‘inimigos do reino’ [da Itália] que ele representava, que tinham ‘uma atitude irreverente em relação à Coroa da Itália’ “.O relatório de 13 de março incluía uma lista dos anarquistas a serem expulsos do país. Entre eles, Mario Cattaruzza, redator de *Il Messaggero* e Rotellini, diretor do *Fanfulla*, que embora não tivessem estado presentes à dita reunião, receberam ordem de prisão (LEAL, 2006, p. 30).

Rotellini foi apresentado no relatório às autoridades policiais brasileiras como originário “de Roma, tipógrafo expulso da sociedade anarquista de Roma em Milão [sic] por ter feito prender pela Polícia alguns anarquistas. Aqui é diretor do jornaleco anarco-socialista o *Fanfulla*”. Solicitava a expulsão dos arrolados na denúncia, pelo governo do Estado, no próximo Primeiro de Maio, e sua deportação para “o Pará ou o Amazonas onde o clima também se encarregará de pronunciar uma sentença inapelável, ou em lugar disso enviá-los à Itália à disposição da justiça punitiva do Reino” (BRICHENTAU, 1894, FELICI, 1994, p. 112). De fato, dez pessoas tidas como anarquistas, entre eles Mario Cattaruzza, foram presas na saída de uma reunião do Centro Socialista Internacional da cidade de São Paulo onde se preparava a comemoração do Primeiro de Maio. Rotellini, por não ter participado da reunião, conseguiu escapar, fez do *Fanfulla* uma tribuna pela libertação do jornalista e

passou a atacar as posturas do cônsul (GLI ARRESTATI, 1894). Inclusive repercutiu as notícias sobre o caso publicadas na imprensa na Itália, como havia sido feito pelo *Secolo* de Milão (MARIO, 1894).

Mais uma reviravolta ocorreu nos anos seguintes e o jornal acabou por cerrar fileiras ao lado desse cônsul, em outra fase de sua trajetória, quando assumiu posição muito menos contestatória da ordem política e Rotellini foi deixado em paz pela polícia, embora continuasse a defender a colônia, agora comprometido com os diversos interesses envolvidos na imigração. Passou a ser o porta-voz do Partido Republicano Paulista e de sua política imigrantista, que expressaria exemplarmente na obra *Il Brasile e gli Italiani*, publicada em 1906.

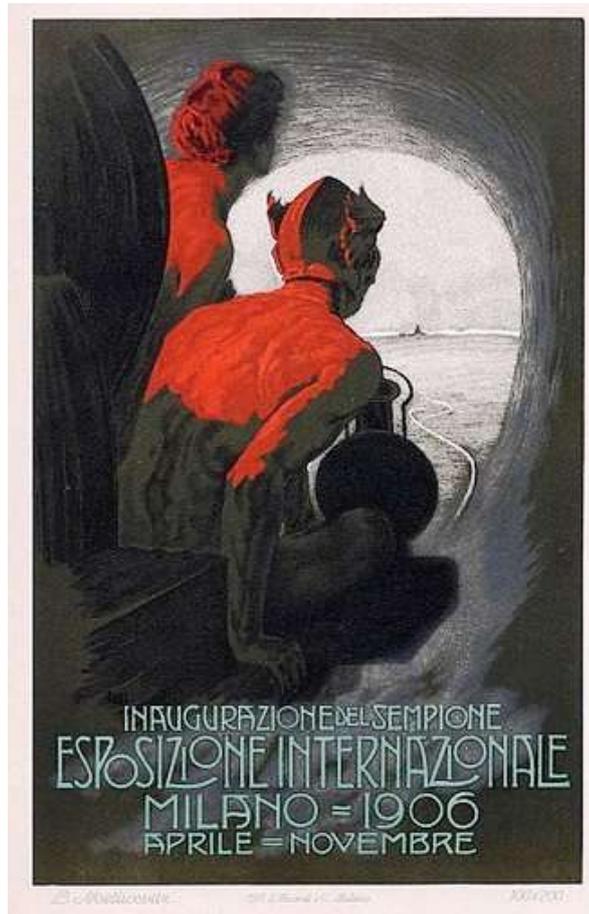
### **Na Esposizione Internazionale del Sempione**

Em 1906 realizou-se na cidade de Milão a Esposizione Internazionale del Sempione<sup>3</sup> na qual a participação de Rotellini foi especial graças à edição e distribuição de um almanaque, *Il Brasile e gli italiani*, editado pelo *Fanfulla*, e que constitui um marco na trajetória do jornal, quando inequivocamente ele assumiu a defesa dos interesses dos fazendeiros que contratavam imigrantes italianos para suas lavouras, sem abandonar, todavia, seu escopo de defender os interesses dos conacionais conforme sempre afirmara. O jornal dirigia-se a toda a coletividade italiana de São Paulo e do Brasil, com a pretensão de interpretar seus sentimentos, aspirações, interesses, direitos, sem distinções sociais, movido pela defesa da italianidade.

A exposição foi concebida para mostrar novas tecnologias em transporte, testemunhas do progresso e da modernidade, no momento propiciado pela inauguração da estrada de ferro que estabelecia a conexão entre Paris e Milão, decorrente da abertura do túnel do Sempione, que rasgando os Alpes, colocava em contato a cidade de Briga, na Suíça, e Iselle, na Itália. Em suma, o túnel possibilitava a conexão entre a Lombardia e o “coração da Europa” por meio da malha ferroviária italiana modernizada com o uso de locomotivas eletrificadas que constituíam avanço perante aquelas até então movidas a vapor. Nela montou-se uma “vitrine” grandiloquente para exibir sobretudo a Lombardia, com sua capital progressista, em retórica triunfalista apresentada como uma potência econômica, além de valorizar o que era considerado fonte de civilização para o mundo. Embora tenha sido planejada desde 1901 como uma Esposizione del Lavoro, a mostra acabou por se consagrar com a temática dos transportes que colocou em relevo a posição geográfica de Milão onde se situava uma encruzilhada entre a rede ferroviária e as estradas de rodagem em níveis regional, nacional e internacional. Foi mantida a Galeria del Lavoro onde as artes gráficas se destacavam ao dar grande visibilidade às máquinas impressoras, como a rotativa para jornal, que seduziam os visitantes pela rapidez da impressão (MISIANO, 2014, p. 1-4). Nesse sentido, Rotellini dava um passo certo ao visitar as inovações tecnológicas e talvez ali distribuir seu *Almanacco*.

A exposição alcançou enorme sucesso de público ao exibir transformações ocorridas em diversas atividades econômicas, avanços culturais e um panorama de expectativas para o início do século XX do ponto de vista dos países participantes no âmbito do capitalismo industrial (SANJAD, 2017). Foi uma grande iniciativa para estimular acordos comerciais, o comércio internacional e investimentos.

Instalada no Parque do Sempione e na Praça d'Armas da cidade de Milão, autorreferenciada como a região mais desenvolvida do país, foi aberta oficialmente em 28 de abril de 1906 e estendeu-se até 31 de outubro desse ano. Ali se construíram pavilhões da Itália e de outros países da Europa e da Ásia, além de Estados Unidos, Canadá e América Latina, este último abrigando mostras de Argentina, Chile, Uruguai, Peru, Guatemala, Costa Rica e São Domingos. Quanto ao Brasil, por razões desconhecidas, mas provavelmente em decorrência dos entraves colocados à imigração pelo Decreto Prinetti em 1902, foi grande ausente, embora “substituído” por uma representação do Estado do Rio Grande do Sul, em estande compartilhado e outra constituída pelo *Almanacco* do *Fanfulla* (TEDESCO; BALBINOT, 2016, p. 295-296; BALBINOT, 2018). O espaço havia sido organizado para neutralizar o conceito de atraso atribuído ao país e sobretudo à região sul mediante apresentação da narrativa visual da modernidade, do progresso, do potencial econômico e de acolhimento dos imigrantes italianos que para lá se dirigissem. Agricultura, comércio e indústria davam o tom do que era entendido como progresso, em narrativas visuais apresentadas das chamadas “virtudes nacionais” (SANJAD, 2017, p. 801).



Fonte: [www.wikipedia.it](http://www.wikipedia.it) (domínio público). Acesso em: 15 jan. 2021.

## FIGURA 2

### Cartaz oficial da *Esposizione Internazionale di Milano, 1906*

Ferrovário sentado em locomotiva de um trem, acompanhado pela alegoria do deus da mitologia greco-romana Mercúrio/Hermes, identificado pelo chapéu com asas, na saída do túnel Sempione, defronte à cidade de Milão (autor Leopoldo Metlicovitz).

O *Fanfulla* acompanhou essa exposição muito de perto e com grande empenho em suas páginas, pois Rotellini havia investido na edição de um almanaque a ser distribuído durante o evento, com a finalidade de fazer propaganda favorável ao Brasil. Esse objetivo ia na mesma direção dos motivos que levaram o Rio Grande do Sul a participar da mostra: divulgar as potencialidades do país para o comércio internacional e os investimentos de capitais, além de responder às denúncias de maus-tratos e péssimas condições de vida e trabalho enfrentadas pelos italianos que para cá vieram e haviam motivado o célebre Decreto Prinetti, tema recorrente na historiografia sobre a imigração italiana. Esse ato normativo teve grande impacto econômico e social ao proibir a arregimentação, pelas companhias de navegação e seus agentes, de emigrantes transportados mediante subvenção oficial, interrompendo assim o fluxo da imigração sem ônus para os viajantes e direcionando-o para outros países,

notadamente Estados Unidos e Argentina. Continuavam porém as pressões na Itália em favor da saída facilitada de camponeses e pequenos proprietários empobrecidos, em decorrência do aumento da população, da alta concentração das propriedades rurais e dos baixos salários, que atuavam como fatores de expulsão de grandes contingentes populacionais no início do século XX, os quais, premidos pela pobreza, buscaram outros espaços de destino diante das dificuldades para se dirigirem ao Brasil. Em suma, tratava-se de apresentar um novo quadro do Brasil, que expressou sem meias tintas os interesses dos proprietários rurais ao defender a suspensão das restrições à política emigrantista, uma vez que para eles a vinda de braços para a lavoura continuava crucial para o cultivo do café, preferencialmente, além de outros produtos.



Fonte: [www.corriere.it](http://www.corriere.it) (domínio público). Acesso em: 15 jan. 2021.

**FIGURA 3**

**Cartaz de divulgação da exposição de 1906 onde a torre do Duomo de Milão é colocada como ponto de referência para o mundo representado pelo globo terrestre**



Fonte: [www.wikipedia.it](http://www.wikipedia.it) (domínio público). Acesso em: 20 dez. 2020.

#### FIGURA 4

##### **Cartaz evocativo do túnel do Sempione, que conectou Itália e Suíça através dos Alpes**

Ambos os países estão alegoricamente representados unidos na entrada do túnel, com as respectivas bandeiras nacionais e encimados pelo dístico *Ars e Labor*. Trata-se de alegoria do deus Mercúrio (Hermes) mensageiro entre os homens, propiciador de abundância e protetor do comércio e do lucro.

As rodas aladas substituem a clássica representação dos pés alados e nas mãos ambas as figuras portam o caduceu, bastão alado onde se enroscam duas serpentes.

O *Fanfulla* estava afinado com esses interesses da cafeeira e durante anos de 1902 a 1906 vinha se manifestando contra o Decreto Prinetti, o qual não impedia a migração espontânea, porém a dificultava. O jornal defendeu ao longo desses anos a retomada do fluxo da grande imigração para o

país, notadamente para São Paulo, e coerente com essa opção atuou na exposição de 1906 como porta-voz desses interesses múltiplos. Dada a ausência de um pavilhão específico desse Estado, o *Almanacco* serviu de cartão de visita e meio de propaganda, inclusive motivando Rotellini a ir pessoalmente a Milão para distribuí-lo. Parece ter recebido incentivo e quiçá subsídio dos interesses econômicos que representou neste empreendimento editorial. Por meio do jornal pode-se acompanhar alguns desdobramentos de sua elaboração, distribuição e repercussão, que fizeram do *Fanfulla* um importante veículo de transmissão dos debates sobre políticas migratórias tanto do Brasil como da Itália, posição assumida desde seus primeiros números, que enalteciam a terra de São Paulo, “benedetta dalla natura”, à qual os imigrantes aspiravam ansiosamente - e poucos conseguiam - ter acesso como proprietários e não apenas como colonos (LA PROPRIETÀ, 1894).

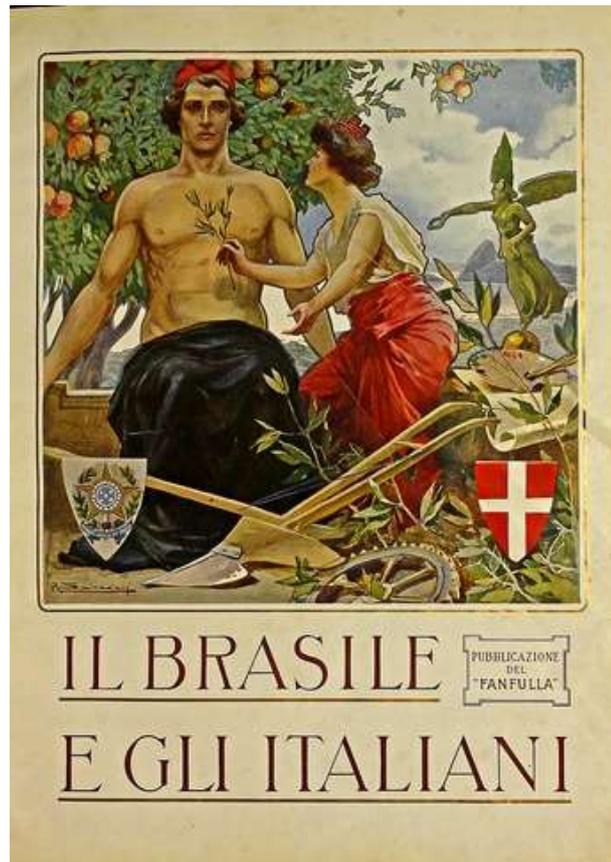
Também os gaúchos se movimentaram no terreno editorial para divulgar as condições favoráveis de acolhimento aos imigrantes italianos, que eram numerosos na região. Além de um modesto pavilhão onde para atrair compradores foram expostos seus produtos agrícolas de exportação, desde o charque até madeiras e erva-mate, apresentaram uma obra de propaganda, intitulada *Un viaggio ao Rio Grande do Sul*, dirigida por Guilherme Moutier e editada pelos jornalistas Calo Parlagrecco e Vittorio Buccelli. Conforme Tedesco e Balbinot, essa obra apresentou

fotografias, mapas e estatísticas relativas à agricultura, ao comércio e à indústria do Rio Grande do Sul, com especial destaque à contribuição do emigrante italiano nessas áreas. Além do rei italiano, essa obra também foi um presente dado para mais de 200 comissários estrangeiros que visitaram a exposição rio-grandense, além de ministros, senadores, aristocratas, intelectuais e jornalistas italianos (TEDESCO; BALBINOT, p. 312).

Quanto ao *Fanfulla*, orquestrado por Rotellini, publicou na mesma pauta a obra de propaganda sobre o Brasil e o Estado de São Paulo, onde enalteceu as condições de vida do imigrante italiano aqui radicado, um almanaque para o ano de 1906 intitulado *Il Brasile e gli italiani*, impresso em Firenze (FANFULLA, 1906). A ilustração que abre o volume é significativa desse direcionamento e das intenções do *Fanfulla*, ao apresentar uma alegoria do Brasil republicano, com o barrete frígio, ao lado da Itália monarquista coroada, em posição de reverência, rodeados por instrumentos de cultivo agrícola (o arado) e de atividade industrial (a roda dentada de uma engrenagem) em meio a abundante produção de frutos, com a baía de Guanabara ao fundo.

---

<sup>1</sup><sup>2</sup> Para uma .<sup>2</sup> Entende-<sup>3</sup> O passo



Fonte: FANFULLA, *Il Brasile e gli italiani*, 1906.

FIGURA 5

Capa do Almanacco *Il Brasile e gli italiani*, 1906

Lembremos que almanaque, palavra originária do árabe hispânico *al-munákh* ou *al-manákh*, em diversos idiomas merece uma conotação de fonte de informações cuja referência é o calendário. Constitui livro ou folheto que contém o calendário do ano, com registro rememorativo de efemérides, informações úteis aos leitores, anedotas e textos literários. Já o *Almanacco* do *Fanfulla* de 1906 apresentava uma peculiaridade: diferia do formato tradicional desse tipo de publicação, corrente desde o século XV e no qual eram habituais

temas relacionados a previsões do tempo, tão importantes numa sociedade agrícola, considerações sobre os meses para o plantio, fases da lua e o ciclo dos dias. Traziam também o calendário, com orações e provérbios, signos astrológicos, anedotas, festas religiosas, contos, fábulas, fatos estranhos e admiráveis da natureza, como inundações e tremores de terra, informações sobre saúde, pragas e pestes, conselhos culinários, divertimentos e temas ligados a religião, como a relação vida-morte e corpo-alma (TRIZOTTI, 2010, p. 22).

Ao longo dos séculos os almanaques continuaram veiculando conteúdos simplificados alcançáveis pelo grande público. Tanto que foi consagrada a expressão “cultura de almanaque”, como sinônimo depreciativo de cultura aligeirada, superficial (CAMARGO, 1983).

A edição lançada para o ano de 1906 não era a primeira experiência do *Fanfulla* nesse tipo de publicação. Já em 1898 havia publicado um *Almanacco* a ser distribuído aos assinantes, impresso na sua própria tipografia, em São Paulo. Foge ao escopo deste trabalho uma análise de todos os almanaques publicados pelo *Fanfulla* embora se possa afirmar que o de 1905 seguia em parte esse padrão variegado de informações acima descrito sem deixar de expressar o alinhamento político republicano situacionista, uma vez que abria suas páginas com a foto de Rodrigues Alves, presidente da República, seguida pelas demais autoridades constituídas da República. Já o volume de 1906 foi um calendário atípico pelo seu formato de livro ilustrado, enciclopédico, sem as habituais seções que caracterizavam esse tipo de publicação. Nele salta aos olhos sua intenção de alcançar tanto o público interno, isto é, os leitores do Brasil, como os leitores europeus que eventualmente o receberiam no decorrer da mostra de Milão, estabelecendo vínculos em uma rede internacional de produção, circulação e consumo de bens materiais e informações com um propósito determinado: além do estímulo às trocas comerciais, a retomada da corrente imigratória em grande escala para o Brasil. Com tal estratégia, o jornal ampliava seu papel na cultura midiática do início do século XX relacionada às políticas migratórias que envolveram Europa e América. Desde sua concepção temática até o idioma escolhido para a publicação e a firma que o editou sinalizam que o *Almanacco* do *Fanfulla* visava tanto o público leitor italiano quanto os conacionais aqui estabelecidos, na chamada Itália Brasileira de Zuleika Alvim (ALVIM, 1999).

Fazia parte da estratégia editorial de Rotellini, que expandiu por essa época seus empreendimentos por meio de uma rede de publicações mediadoras entre Brasil e Itália destinadas a público leitor amplo. Iniciou ainda em 1906 a publicação da revista *L'Illustrazione Italo-Brasiliana*, de um *Suplemento* ilustrado do *Fanfulla* e tornou-se representante nacional do *Giornale della domenica* editado na Itália e destinado ao público infantil (CONSOLMAGNO, p. 98).

Ao mesmo tempo em que se empenhava pela revogação do Decreto Prinetti, o jornal manteve a defesa dos italianos e seus descendentes e não deixou de publicar denúncias sobre abusos que motivavam as primeiras greves de trabalhadores agrícolas no interior do Estado. Chegou mesmo a divulgar documentos oficiais da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo que relatavam os enganos que os imigrantes contratados pelos fazendeiros sofreram ao vir para o Brasil, seduzidos por falsas informações. Nesse empenho o jornal ecoava e dialogava constantemente com a imprensa publicada na Itália, como o jornal *Ora*, de Palermo, mantendo assim sua função mediadora em diálogos alimentados por seus correspondentes (AGLI, 1906).

A pauta imigração veiculada pelo *Fanfulla* em 1906 era bastante ampla e coerente com a defesa da “colônia” empregada nas fazendas de café, uma vez que os fazendeiros descumpriam

contratos, atrasavam pagamentos ou mesmo deixavam de pagar os imigrantes que, segundo o jornal, eram por eles considerados como escravos (COSE, 1906). Porém o *Fanfulla* navegava em águas revoltas e traiçoeiras ao apostar com otimismo na superação desse quadro caso ocorresse a revogação do Decreto. Preparava o trabalho de propaganda que seria feito mediante a publicação e distribuição do *Almanacco* visando influir na reversão das restrições impostas na Itália à emigração para o Brasil. Era inevitável que assumisse a defesa dos interesses dos proprietários rurais, especialmente dos cafeicultores.

Aos seus leitores, Rotellini informava que a obra seria ofertada como prêmio aos assinantes, brindados com 800 páginas ricamente ilustradas, edição de luxo, “bela, agradável e instrutiva”. Além de atrair novos assinantes com tal promessa, como era habitual na relação do jornal com seus leitores, acrescentou outros prêmios como chamariz, entre eles a *Illustrazione italo-brasiliana* e caixas de sabonetes perfumados (I PREMI, 1906). O maior e mais atraente de todos os 100 prêmios prometidos sem dúvida era o *villino* (chalé) situado na prestigiosa Avenida Paulista, na capital do Estado, a ser sorteado em loteria. Para melhor informar os leitores sobre a obra e convencê-los de sua relevância, apresentou em suas páginas uma resenha de cada uma das partes do almanaque (L’ALMANACCO, 1906). De sua elaboração participaram 50 colaboradores entre escritores, artistas e especialistas sob a coordenação do professor Giuseppe Fumagalli.

O momento coincidia com o projeto estadual de valorização do café para proteção do preço do produto no mercado internacional, que havia sido afetado pela superprodução. O Convênio de Taubaté firmado em fevereiro de 1906 entre os Estados interessados na cafeicultura (São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) estabelecia medidas de estabilização mediante compra pelos governos estaduais dos excedentes da produção para sustentar seu preço. Some-se a isso a falta de braços decorrente dos obstáculos à imigração italiana, de que resultara a notável diminuição das entradas. A alternativa permitida pelo governo italiano, de autorizar a vinda daqueles que se dispusessem a arcar com as despesas da viagem, por meio de *biglietti di chiamata* e passagens enviados do Brasil por parentes dos interessados, era dificultada na prática pela burocracia consular que controlava a concessão do passaporte italiano, visando coibir os abusos e as fraudes. Por seu lado, o jornal era porta-voz da necessidade dos fazendeiros de trazer imigrantes para São Paulo, afirmando ser o italiano o único colono que por sua capacidade de trabalho interessava a esse Estado, sendo sua vinda indispensável à cafeicultura (L’EMIGRAZIONE, 1906). Ademais um terceiro elemento nesse jogo de interesses estava presente na pauta da discussão, embora aflorasse com reservas: os prejuízos que as companhias de navegação vinham sofrendo com o fim das passagens subsidiadas.

Com o propósito de divulgar a obra que expunha essas questões, além de constituir uma exposição dos produtos brasileiros, desde os agrícolas até os industriais, Rotellini deixou a direção do jornal a cargo de seu coproprietário, Angelo Pocci, e conforme anunciado em 14 de fevereiro de 1906, viajou para a Itália, de onde passou a fornecer informações sobre a mostra e promover a imagem - tão

desacreditada - do Brasil, sob um novo ângulo, o do paraíso dos imigrantes. Pressionava dessa forma o governo italiano para que a emigração fosse retomada em “novas” bases. Nesse mês de fevereiro, houve grande movimentação nesse sentido e notícias contraditórias sucediam-se nas páginas do jornal, pipocavam a todo instante e colocavam em evidência a política imigrantista de São Paulo, coordenada pelo presidente estadual Jorge Tibiriçá. O noticiário era também alimentado por correspondentes do periódico na Europa, entre eles Alceste de Ambrys.

A todos os problemas sobre o tema o *Almanacco* oferecia respostas enérgicas e trabalhava pelo convencimento das autoridades italianas sobre a inexistência de entraves à emigração para o Brasil. É muito evidente que o jornal também defendia os interesses das companhias de navegação, entre elas a poderosa Navigazione Generale Italiana, La Veloce e o Loyd Italiano. A propaganda dessas companhias ocupava espaço significativo no jornal, com muitos anúncios de página inteira onde eram apresentados em detalhes datas e horários dos navios que comunicavam Brasil e Itália, por meio dos portos de Nápoles e Gênova. Uma vez que o transporte marítimo estava na pauta da exposição, a Navigazione Generale Italiana mereceu uma matéria no jornal onde foi anunciado que ela teria um pavilhão de 800 m<sup>2</sup> na feira milanesa, onde seria exposta a primeira classe de um dos cinco transatlânticos em construção, destinados ao serviço da América, o navio *Re Vittorio*. Segundo a descrição, eram acomodações luxuosas que faziam jus aos 25 anos de experiência da companhia nessa modalidade de transporte e evidentemente não se destinava aos imigrantes pobres, embora fosse uma bela vitrine (L'ESPOSIZIONE, 1906).

Ao longo dos meses que durou a exposição o *Fanfulla* publicou noticiário, na maioria das vezes inconsistente, mas que mantinha viva a existência do *Almanacco* e das questões que ele abordava. Constituiu dessa maneira um elo entre a pátria-mãe e os italianos aqui residentes, que gostariam de ir à Itália, mas não possuíam condições financeiras para se deleitar com a mostra sobre os *Italiani all' Estero* além de sugerir que em Milão acontecia uma feira de grandes oportunidades comerciais. O tom por vezes grandiloquente embora vazio do noticiário pouco disfarçava a ausência do pavilhão brasileiro e rivalizava em impacto junto aos leitores com a erupção do Vesúvio ocorrida em maio do mesmo ano, além do atentado sofrido pelos reis da Espanha em Madri.

Mas em compensação, Rotellini estava a postos na capital lombarda, possivelmente no espaço destinado às artes gráficas, não se sabe ao certo, para “mostrar, com uma obra que promete ser esplêndida, a importância da comunidade italiana do Brasil, operosa e inteligente, rica de fé no futuro, de amor pela comum pátria distante” (IL FANFULLA, 1906). Tentava neutralizar o fato iniludível de que o Brasil “brilhava pela sua ausência”. A grande expectativa era que seu material de propaganda fosse entregue diretamente em mãos do rei da Itália, o ilustre visitante em quem depositava esperanças de uma reviravolta na política emigrantista. Em abril, vivamente aclamado, o casal de soberanos inaugurou a exposição que iria exibir os progressos da Itália, sua modernidade, a pujança do seu povo e as maravilhas artísticas que ali existiam, diziam as colunas grandiloquentes do *Fanfulla*. Por falha na

documentação não foi possível descobrir se o *Almanacco* foi entregue por Rotellini em mãos do rei Vítor Emanuel III, que ocupou o trono da monarquia constitucional após o assassinato do rei Humberto I, em 1900. Tudo indica que essa ambição foi frustrada.

### *Il filo che lega – O Brasil do Almanacco*

A obra inicia-se com um texto assinado pelo próprio Rotellini, onde é justificativa a sua publicação: tornar conhecidos na Itália o Brasil e a obra dos italianos que aqui se estabeleceram. Em suas palavras, “fazer conhecer muitas coisas que merecem ser conhecidas; dar uma ideia geral e sintética, mas clara e precisa, deste grande país, da sua organização político-econômica, dos progressos feitos em breve tempo; e juntos iluminar a obra dos italianos e o resultado de seu trabalho” (ROTELLINI, 1906). O *Fanfulla*, jornal da “imprensa colonial”, ao publicar o *Almanacco* cumpria seu papel autodesignado:

manter viva nos conacionais, com a língua, as recordações e os pensamentos da pátria; de ser o órgão de defesa da coletividade, a voz que ali exprime as necessidades: tem ainda aquele, igualmente importante, de fazer compreender à mãe-pátria o ambiente onde a energia italiana se desenvolve em obras civis; de fazer ver como essas obras são importantes, belas e valiosas; de manter (...) a atenção dos italianos da península sobre os italianos do Brasil. Deve ser, em suma, o instrumento de uma roca incessante de informações e de ideias, o fio que liga cada dia, através do Oceano, corações e mentes (ROTELLINI, 1906).

Com essa estratégia enaltecedora pretendia superar, mediante a oferta de informações que considerava fundamentadas, a indiferença e até mesmo a hostilidade existentes na Itália por tudo que se referia ao Brasil. Combatia as versões que classificava como ignorância e desconhecimento sobre o país e os italianos que aqui viviam, beneficiados pela ascensão social e engajados em diversas atividades econômicas. O diálogo oculto desse discurso era feito com diversas obras haviam divulgado as condições adversas enfrentadas pelos imigrantes no Brasil e em especial a situação nas fazendas descrita de modo lapidar por Aldo Rossi, que havia sido enviado ao Brasil pelo Commissariato dell’Emigrazione a fim de verificar *in loco* a procedência das inúmeras denúncias, as quais foram por ele confirmadas. Seu famoso relatório sobre o panorama subsidiou a decisão do governo italiano de proibir a emigração subvencionada (TRENTO, 1988, p. 52-55).

O *Almanacco* abre suas páginas com informações em dimensão nacional sobre o Brasil, em artigos de caráter enciclopédico que abordam História, Geografia, Economia, Educação (instrução), cultura, administração etc., sempre em capítulos escritos por redatores do jornal, não identificados, ou por alguns “homens eminentes”. Ilustrações, gráficos e estatísticas acrescentam verossimilhança ao quadro geral. Segue-se o detalhamento referente aos Estados da Federação para chegar ao de São

Paulo, o foco principal da obra. Neste tópico insiste na tônica dos “erros” divulgados em livros, inclusive os escolares, que traziam informações “defasadas” de meio século sobre o país, onde afirmou com certo exagero residirem quase dois milhões de italianos.

A discussão envereda pela política de acolhimento aos imigrantes em São Paulo, em versão otimista que ressaltou a ação dos governantes para ampliar créditos, melhorar vias de comunicação, métodos de cultivo, diversidade de produtos cultivados e, não menos importante, formas de colonização e desbravamento de novas terras, favorecendo a agricultura, o principal esteio da economia do Estado. A interpretação republicana da História que deu sustentação a Rotellini isentou os governos da República da responsabilidade pelos problemas da colonização, uma vez que ela havia sido iniciada durante o Império. Na República a situação era diversa, explicava, havia esperanças para os imigrantes pois não faltavam terras devolutas férteis para os interessados em se estabelecerem na agricultura. Faltavam braços para trabalhá-las, foi o bordão repetido à exaustão no decorrer da obra. O sonho de tornar-se proprietário de terra poderia ser realizado em São Paulo, graças à nova diretriz da colonização, ainda em fase inicial nos núcleos de Nova Odessa e Jorge Tibiriçá. De fato, por essa época, uma parcela dos imigrantes - a maioria humildes *braccianti* que só contavam com sua força de trabalho para sobreviver - havia conseguido aceder à pequena propriedade da terra após libertar-se dos contratos e das dívidas com os cafeicultores, acumular pecúlio e deixar o mundo fechado das fazendas (ALVIM, 1999, p. 383-498).

O fulcro da questão eram as condições de vida e trabalho no principal território de direcionamento do imigrante em São Paulo, a fazenda de café. No *Almanacco* o tema mereceu abordagem detalhada, mas com lentes cor de rosa, conforme se verifica nesta longa, porém relevante citação na qual o leitor recebe informações que visam anular a má fama de que o estabelecimento rural desfrutava:

Este é um nome que soa mal na Itália. Sobre a fazenda se projeta ainda a sombra dolorosa da escravidão e, nomeando-a, evoca, na mente dos que não a conhecem, toda uma longa série de horrores de violências, de negros chicoteados e obrigados a um trabalho bestial sob a ameaça do chicote torturador, pronto a arranhar as carnes assim que os braços exaustos suspendessem por um instante a perene fadiga, o retorno triste ao crepúsculo, em direção aos esqueléticos cubículos onde se amontoavam os desgraçados que os navios negreiros haviam recolhido da costa da África para fazer a riqueza dos indolentes senhores do café. (ROTELLINI, 1906).

A comparação dos imigrantes aos escravos brancos era corrente entre os críticos do mundo rural brasileiro, especialmente o paulista, onde a pequena defasagem temporal entre a abolição do trabalho escravo e a implantação do trabalho assalariado não havia resultado ainda em total mudança de mentalidades e hábitos dos fazendeiros. Mesmo assim, o *Almanacco* insistia na má fé de tais afirmações:

E ainda, como um substituto da escravidão negra, a escravidão branca: os pobres imigrantes explorados, batidos, “os corpos infantis e as almas violadas” na engrenagem dessa enorme máquina feita para martirizar e moer carnes humanas que é a fazenda. Assim se difundiu e mantém uma sombria lenda, para a qual todos mais ou menos, em boa ou má fé, por excessivo impressionismo ou por interesse inconfessável, contribuíram: dos agentes de outros países interessados em desviar a emigração do Brasil, ao bom Ulisse Barbieri com os seus Dramas das “Fazendas”, nos quais utilizou em profusão as mais fortes tintas de sua paleta.

Já havíamos notado que sobre a fazenda se projeta ainda a sombra da abolida escravidão. Um filósofo poderia afirmar que a suspeita e quase o terror de que é circundada a fazenda representa a nênese histórica, a póstuma punição que pesa sobre o Brasil em geral e particularmente sobre seus grandes proprietários de terras por terem conservado por muito tempo a vergonha social do escravismo. Mas não pretendemos fazer aqui filosofia. O nosso escopo é mais modesto e mais útil, porque queremos somente restabelecer a verdade dos fatos, desmanchando a lenda, mas sem esconder os vícios daquele agrupamento agrícola que se designa com o nome de fazenda (ROTELLINI, 1906).

Mas afinal, pairava a pergunta à espera de resposta: *Che cosa è uma fazenda?* Com o objetivo de ocupar-se das grandes fazendas, onde se fixava grande número de imigrantes, o *Almanacco* recorreu à obra de Giuseppe Mortari intitulada *Expansione Coloniale*, publicada havia pouco na Itália, em 1904 (MORTARI, 1904), para ressignificar a temível propriedade rural para onde a maioria dos imigrantes havia sido e continuava a ser encaminhada. Apresentou a região de São Paulo como detentora de terras férteis, clima adequado à cultura do café, sua principal riqueza, ao lado de outros produtos agrícolas, como a cana de açúcar, fumo, algodão, frutas, e muitos mais, em abundância, atraindo os interessados em tornarem-se agricultores. E, sobretudo, trazia uma nova versão do tratamento dispensado pela oligarquia cafeeira aos seus colonos italianos, já curada dos preconceitos atávicos decorrentes do passado escravista. A fazenda é assim apresentada idilicamente como o local onde os colonos podiam trabalhar com afinco, fazer economias e a partir daí ascender à tão sonhada categoria de proprietários, eles também, de terras para o cultivo agrícola, como descrito na parte intitulada *Il lavoro degli Italiani*. Fotos das casas construídas em alvenaria para os colonos, de suas atividades e os novos contratos de trabalho em andamento, diferentes dos antigos contratos de parceria por incluírem meação, trato do talhão e cultivo de gêneros para sua própria subsistência, eram ilustrativos da tentativa de mudar o conceito negativo sobre o mundo rural brasileiro.

A rotação estava feita: o *Fanfulla* tornara-se porta-voz do Partido Republicano Paulista que expressava os interesses da cafeicultura e do seu “mar de café”. Não deixava de ter razão ao assinalar as oportunidades de ascensão social que beneficiaram muitos imigrantes, seja pela inserção em ofícios urbanos, seja como empreendedores comerciais ou industriais e proprietários de terras. Oportunidades de trabalho para operários não faltavam na nascente indústria que foram igualmente apresentadas como atrativas e acolhedoras aos conacionais. Não obstante esse trabalho de propaganda, a revogação

do Decreto Prinetti, seu principal objetivo, não foi alcançada e a antes torrencial de entrada de imigrantes italianos no Brasil continuou em queda vertiginosa. As restrições à imigração subsidiada permaneceram em vigor e foram incorporadas à legislação específica da Itália em 1919.

Quanto a Rotellini, em 1910 vendeu cinquenta por cento de suas ações no *Fanfulla* ao sócio Angelo Pucci e retornou à Itália. Deixava o jornal em excelente posição no conjunto da imprensa paulista, com a tiragem diária de quinze mil exemplares, apenas superada por *O Estado de S. Paulo*. O *Fanfulla* manteve de certo modo a herança do passado anarquista de seu fundador pois não se afastou da denúncia dos problemas que atingiam os imigrantes como o endividamento e as restrições à sua liberdade dificultada pelo sistema de trabalho que aos poucos ia se modernizando nas fazendas.

## NOTAS

- . Para uma lista bastante completa desses jornais, ver: TRENTO, 2003.
- <sup>2</sup>. Entende-se por intelectuais mediadores aqueles que realizam a mediação cultural entre grupos, tempos, espaços e redes de sociabilidade. Cf. GOMES; HANSEN, 2016.
- <sup>3</sup>. O passo do Simplon (em francês) ou *Sempione* (em italiano) encontra-se nos Alpes Suíços liga Briga, neste país, a Domodossola na Itália.

## REFERÊNCIAS

- AGLI immigranti ilusi. *Fanfulla*, 1º jan. 1906.
- ALVIM, Zuleika M. F. O Brasil italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BAILY, Samuel. The role of two newspapers in the assimilation of italians in Buenos Aires and São Paulo, 1893-1913. *International Migration Review*, New York: Center for Migration Studies, v. 12, p. 321-340, 1978. Disponível em: [Jstor.org/stable/2545546](http://Jstor.org/stable/2545546). Acesso em 20 nov. 2020.
- BALBINOT, Giovani. Detratores e defensores da imigração italiana para o Brasil: o decreto Prinetti de 1902 e a exposição Mundial de 1906. *Seculum - Revista de História*, n. 28, p. 205-227, 2018.
- BELLI, Natale. *Giornalismo italiano em Brasile*. São Paulo, 1923.
- BRICHENTAU, C. de. *Rapport du consul italien à São Paulo, Edoardo Compans de Brichentau, sur les anarchistes présents dans cet État en 1894*, 28/3/1894, ASMAE, série Política, b. 47.
- BUM! Bum! Bum!, *Fanfulla*, 17, 17 set. 1893.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *Os primeiros almanques de São Paulo*. São Paulo: Convênio IMESP; DAESP, 1983.
- CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Martins; EDUSP, 1975.

CONSOLMAGNO, Marina. *Fanfulla: perfil de um jornal de colônia (1893-1915)*. São Paulo, 1993. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.

COSE del giorno. La questione dell’immigrazione, *Fanfulla*, 10 jan. 1906.

DOPO tre anni di lavoro! Sciopero in “fazenda”. *Fanfulla*, 1º jan. 1906.

FANFULLA. *Almanacco del Fanfulla*. São Paulo, 1905.

FANFULLA. *Il Brasile e gli italiani*. Firenze: Bemporad & Figlio, 1906.

FELICI, Isabelle. *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil - 1890-1920*. Paris, 1994. Thèse (Doctorat) – Université de la Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Disponível em: <https://archives-ouvertes.fr>. Acesso em: 29 abr. 2020.

GLI arrestati per la paura del 1.º Maggio. *Fanfulla*, 29 maio 1894.

GOMES, Angela de C.; HANSEN, Patrícia S. (org.). *Intelectuais mediadores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALVES, Rino G. S. *A etnicidade do imigrante italiano nos periódicos na cidade de São Paulo 1870-1919*. São Paulo, 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

I PREMI del Fanfulla ai suoi abbonati. *Fanfulla*, 13 fev. 1906.

IL FANFULLA all’Esposizione di Milano. *Fanfulla*, 14 jun. 1906.

L’ALMANACCO de Fanfulla. *Fanfulla*, 20 jan. 1906.

L’EMIGRAZIONE al Brasile e i biglietti di chiamata. *Fanfulla*, 15 fev. 1906.

L’ESPOSIZIONE di Milano 1906. La Navigazione Generale Italiana. *Fanfulla*, 20 mar. 1906.

LA PROPRIETÀ della terra nello Stato di S. Paulo. *Fanfulla*, 29 maio 1894.

LA REVOLUZIONE e il console d’Italia. *Fanfulla*, 6 set. 1893.

LEAL, Cláudia Feirabend Breta. *Pensiero e Dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890*. Campinas, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

LEGGENDO e annotando - L’emigrazione italiana al Brasile. *Fanfulla*, 15 jan. 1906.

MALATIAN, Teresa. Imprensa italiana em São Paulo e o fascismo: o *Fanfulla* (1921-1942). *História* (São Paulo), v. 34, n. 1, p. 195-215, 2015.

MARIO Cattaruzza. *Fanfulla*, 4 set. 1894.

MISIANO, Francesca. L’Esposizione del Sempione 1906. Milano in vetrina. *Diacronie. Studie di Storia Contemporanea*, n. 18, 2, p. 1-15, 2014. Disponível em: <http://journals.opendition.org/diacronie/1450>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MORTARI, Giuseppe. *Espansione coloniale*. Firenze: Ramella, 1904.

ROTELLINI, Vitaliano. A chi legge. In: FANFULLA. *Il Brasile e gli italiani*. Firenze: Bemporad & Figlio, 1906.

Teresa Maria Malatian

SANJAD, Nelson. Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 785-826, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org>. Acesso em: 7 dez. 2020.

TEDESCO, João Carlos; BALBINOT, Giovani. Colonos em Milão: a participação do Rio Grande do Sul em L'Esposizione Internazionale del Sempione (1906) e suas correlações com a imigração italiana. *Métis: História & Cultura*, v. 30, n. 15, p. 295-316, 2016.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel; Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1988.

TRENTO, Angelo. *Imprensa italiana no Brasil*. São Carlos: EDUFSCAR, 2003.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. “Um brinde aos assinantes”: os almanaques do jornal *O Estado de S. Paulo* (1896, 1916, 1949). Assis, 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista.

**Teresa Maria Malatian** é Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em Franca, São Paulo. Livre-Docente em Historiografia pela UNESP, câmpus de Franca. Pós-Doutora pela Oliveira Lima Library, da Catholic University of America, em Washington, nos Estados Unidos. Doutora em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMP).

**Como citar:**

MALATIAN, Teresa Maria. Vitaliano Rotellini e a defesa da imigração italiana no Brasil: O Almanacco do Fanfulla. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 17, n. 1, p. 355-381, jan./jun. 2021. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).

